

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

O HORIZONTE TRÁGICO DO PENSAMENTO DE HERÁCLITO

Francisco Moraes
PPFIL/UFRRJ

RESUMO: Proponho no presente artigo um caminho para o que gostaria de chamar de núcleo decisivo do pensamento de Heráclito. Este último consiste, a meu ver, numa certa fratura ou hiato que separaria, de maneira estrutural e definitiva, o humano do divino. Tal fratura seria o lugar privilegiado tanto do vir a ser plenamente homem quanto da própria possibilidade da filosofia.

PALAVRAS-CHAVES: Trágico, afastamento categórico, homem, deuses, natureza.

ABSTRACT: The purpose of this paper is to offer a path to what we consider the heart of the thought of Heraclitus. This latter is a certain fracture or hiatus that would separate, structurally and definitely, the human from the divine. This fracture would be the singular place to become fully man and to the possibility of the philosophy.

KEYWORDS: Tragic, categorical separation, man, gods, nature.

Introdução

Quero aqui, nos limites deste breve artigo, acenar para a possibilidade de uma compreensão mais profunda do pensamento de Heráclito a partir do que estou chamando de horizonte trágico. Não ambiciono ser original a esse respeito. Sigo, ao contrário, indicações e pistas deixadas por pensadores como Nietzsche e Heidegger e por comentadores mais recentes dos fragmentos heraclíticos. Em todo caso, a íntima relação entre a tragédia e o pensamento de Heráclito, apontada primeiramente por Nietzsche, representa, a meu ver, o desafio de receber ou herdar Heráclito a partir de nosso próprio porvir histórico. Para esse fim, parece-me muito promissor o conceito de ‘afastamento categórico’ (*kategorischen Umkehr*)¹, tal como elaborado por Hölderlin em seu esforço de interpretar e traduzir as

¹ BEAUFRET, Jean. *Hölderlin e Sófocles*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.19.

Moraes, Francisco

O horizonte trágico do pensamento de Heráclito

tragédias de Sófocles². É que o núcleo decisivo do pensamento heraclítico se revela, a partir dessa abordagem, como uma certa fratura ou hiato que separaria, de maneira estrutural e definitiva, o humano do divino. Essa fratura seria o lugar propriamente dito tanto do vir a ser plenamente homem quanto da possibilidade mesma da filosofia enquanto expressão da tragicidade da existência. É aqui também que o estar reduzido a si mesmo característico da compreensão moderna do homem como sujeito pode ganhar um sentido extraordinário e surpreendente, para além de todo ufanismo humanista ainda tão característico de nosso tempo. O homem reduzido a si mesmo e à sua finitude seria o homem apartado do divino, o homem do imperativo categórico, que, de modo paradoxal e reverente, assente à própria fratura: um Édipo em Königsberg!

As fontes e a recepção do pensamento de Heráclito

Heráclito de Éfeso não foi um pensador marginal na Antiguidade. Sua presença viva e inquietante é atestada por Platão e Aristóteles em momentos capitais de suas respectivas obras, invariavelmente na forma do embate e da polêmica. É contra Heráclito e os heraclitianos que Platão estabelecerá, no *Teeteto*, as bases de sua concepção do conhecimento humano, assim como Aristóteles fará de Heráclito, ou dos que pretendiam “heraclitizar”, adversários temíveis do princípio de todos os princípios: o princípio de não contradição, no livro IV de sua *Metafísica*. Exemplo dessa presença heraclítica em Platão e em Aristóteles, a figura taciturna de Crátilo expressa, ao mesmo tempo, o aspecto paradoxal e inassimilável do pensamento de Heráclito, prestes a converter-se em mera caricatura. Como discípulo de Heráclito, Crátilo teria renunciado ao discurso significativo e ora assobiava ruidosamente ora simplesmente movia o dedo. Com o triunfo histórico da filosofia de Platão e Aristóteles, a imagem de um impossível Heráclito, condenado ao mutismo consequente de um Crátilo ou ao

²Segundo lemos no comentário de Jean Beaufret: “O trágico de Sófocles, aos olhos de Hölderlin, não é, de fato, uma trágico como o de Ésquilo ou de Eurípides, mas um trágico bastante singular. Digamos numa palavra que é o trágico do retraimento ou do afastamento do divino. Hölderlin dirá: *Gottes Fehl*: a falta de Deus. Todo o trágico de Sófocles, precisará Karl Reinhardt sem todavia se referir expressamente a Hölderlin, “*weist ...auf das Rätsel der Grenze zwischen Mensch und Gott*”, assinala...o enigma que é a fronteira entre o homem e o Deus. (Karl Reinhardt, *Sophokles*. Frankfurt am Main, 1947, p.11) É nisso que é tão diferente do trágico de Ésquilo, para quem o limite não é de modo algum um enigma. Os homens aqui ultrapassam o limite, e, muito frequentemente, apesar das advertências dos deuses. Eles o ultrapassam, diz Homero, *autoi sphésin atasthaliesin*, por eles mesmos, por seus atentados contra eles, e isso *hypermoron*, indo mais longe do que lhes é destinado pela partilha. Assim Egisto ou Xerxes – e num outro plano, Prometeu. A ação trágica é a história do retorno à ordem que a violação do limite torna necessária. Em Sófocles, ao contrário, é o próprio limite que se furta, e o herói se aventura perigosamente no hiato (*béance*) de um entre-dois, de onde finalmente advém a sua perda.” *Ibid.*, p. 16-17.

Moraes, Francisco

O horizonte trágico do pensamento de Heráclito

balbuciar arrogante e sem sentido de seus seguidores, tal como descrito por Teodoro no *Teeteto* (179 e), torna-se altamente persuasiva. Afinal, a filosofia do fluxo universal de todas as coisas, sendo incapaz de afirmar ou negar o que quer que seja, teria forçosamente de conduzir à impossibilidade de um discurso significativo, única fonte legítima de um conhecimento digno desse nome. No entanto, por mais que essa imagem caricatural de Heráclito seja até hoje predominante, graças aos manuais de filosofia, chama a atenção que durante boa parte da Antiguidade, nomeadamente no período helenístico, Heráclito tenha sido uma presença marcante, justamente através dos estoicos e da grande influência dessa escola filosófica. Como é sabido, os estoicos creditavam as linhas fundamentais de sua filosofia a Heráclito, especialmente no que diz respeito à identificação de *Phýsis* e *Lógos* e à sua compreensão de destino. Essa verdadeira assimilação de Heráclito pelos estoicos, cujo teor pode ser encontrado no comentário doxográfico do cético Sexto Empírico (século II d. C.)³, permite dizer que os estoicos foram os verdadeiros representantes do pensamento de Heráclito na Antiguidade⁴. Ademais, chama muito atenção o fato de que a influência de Heráclito tenha se dado unicamente por meio de seu livro, que ele depositou no templo de Ártemis em Éfeso, e isso justamente no contexto de uma cultura oral como era predominantemente a dos gregos. Heráclito não teve, ao que tudo leva a crer, discípulos diretos. Não fundou nenhuma escola. Apesar disso, seu livro ainda podia ser encontrado e lido à época de Plotino (sec. III), sendo citado e comentado por padres da igreja como Hipólito de Roma e Clemente de Alexandria (século III) e, no final da Antiguidade, pelo antologista Estobeu (século V d. C), mais de mil anos após ter sido escrito.

Se Heráclito está longe de ter sido uma figura marginal na Antiguidade, com o advento do cristianismo e do espírito científico da Época Moderna foram reforçados os traços caricaturais cunhados primeiramente por Platão e Aristóteles, o que culminou com a caracterização do pensamento heraclítico, pelos historiadores da filosofia, como um pensamento ainda muito rudimentar e não científico, típico dos chamados pré-socráticos, os quais não teriam consumado plenamente a passagem do mito ao lógos. Alguma coisa no pensamento de Heráclito se mostrava inassimilável ao espírito da Filosofia moderna, e isso a

³ *Contra os matemáticos VII*, 126-34 (DK 26. A 16). O comentário de Sexto Empírico é citado e comentado por Charles Kahn em sua livro *A arte e o pensamento de Heráclito*. São Paulo: Paulus, 2012, p. 465-469.

⁴ É esta a opinião de Charles Kahn no estudo introdutório à sua edição dos fragmentos de Heráclito que acabamos de citar. Em suas palavras: “Os estoicos viam Heráclito pelas lentes deformadas de seu próprio sistema, mas esse sistema era ele próprio baseado num profundo estudo de seus escritos, de modo que eu acredito ser a interpretação estoica, em suas linhas gerais, mais fiel ao pensamento do próprio Heráclito do que se costuma reconhecer.” P. 22,23.

Moraes, Francisco

O horizonte trágico do pensamento de Heráclito

despeito de Hegel, que pretendia ter incorporado todos os seus fragmentos em sua *Lógica*.⁵ Queremos sustentar aqui que o que torna o pensamento de Heráclito inassimilável é, em última instância, o horizonte trágico a partir do qual ele se desdobra. No âmbito do cristianismo e do espírito científico não há lugar para o trágico, e isso pelo fato de ambos apostarem, cada um a sua maneira, em uma redenção final alcançável pelos homens. Não por acaso, foi com Nietzsche que, pela primeira vez, tornou-se possível reconhecer o horizonte a partir do qual se movia o pensamento de Heráclito. Em sua crítica ao chamado racionalismo socrático-platônico, e a seu otimismo, que se desdobra em uma crítica ao cristianismo e à ciência moderna, Nietzsche faz ecoar a originalidade de Heráclito justamente à medida que o compreende como o pensador trágico por excelência. Haveria para Nietzsche uma prepotência da razão ao pretender fundar a si mesma de maneira autônoma. Para Nietzsche, não é a razão que detém a última palavra, mas a vida: “aquele poder obscuro, impulsionador, inesgotável que deseja a si mesmo.”⁶ Pretender deslocar a razão de seu solo natal, absolutizar a razão em detrimento da vida, já seria, em si mesmo, a manifestação de uma decadência vital e fisiológica. Seria o mesmo que pretender uma luz sem sombras como ideal de esclarecimento, esquecendo-se que uma luz assim não deixa ver, mas cega. A mútua imbricação de contrários deixa entrever uma “harmonia inaparente”⁷, que no dizer de Heráclito, é mais forte que a aparente; uma unidade que vigora desde a luta originária e que não necessita suplantá-la ou conduzi-la a um termo. Essa luta assim concebida é a Natureza, como unidade de contrários, a qual responde não apenas pelos chamados fenômenos naturais mas também e inseparavelmente pelo modo de realizar-se do homem, abarcando tudo através da identidade de vida e morte, sono e vigília, luto e luta, arco e lira, ação e esquecimento⁸. Esta é a lei divina da qual, no dizer de Heráclito, procedem as leis humanas, como fica claro, claríssimo, no fragmento 114: “Para falar com recolhimento é necessário concentrar-se na reunião de tudo, como a cidade na lei, e, com maior concentração ainda. Pois todas as leis dos homens se alimentam de uma lei una, a divina; é que esta impera o quanto se dispõe, basta e excede a todas.” Vou aqui, mediante a leitura e o comentário de alguns fragmentos, procurar delimitar

⁵ Hegel, *Sämtliche Werke* (Glockner), XVII, 344.

⁶ NIETZSCHE, F. Segunda Consideração Intempestiva. Da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003, p. 30.

⁷ Frag. 54. Utilizaremos doravante a tradução de Emmanuel Carneiro Leão dos fragmentos de Heráclito.

⁸ “A todo agir liga-se um esquecer, assim como à vida de todo ser orgânico pertence não apenas a luz, mas também, e de modo inseparável, a escuridão.” *Op. cit.*, p. 9.

Moraes, Francisco
O horizonte trágico do pensamento de Heráclito

esse ponto de partida do pensamento de Heráclito, realçando a sua originariedade, especialmente no que diz respeito ao modo de constituição humano.

O horizonte trágico de Heráclito

O que melhor caracteriza o horizonte trágico do pensamento de Heráclito é, primeiramente, a não compreensão humana do *Lógos*, a saber: da conjuntura reunidora de tudo através da luta e unidade dos contrários. “Com o *Lógos*, os homens se comportam como quem não compreende, tanto antes quanto depois de já terem ouvido”⁹, é o que diz Heráclito naquelas que são consideradas as palavras iniciais de seu livro perdido. Os homens são aqueles que não compreendem. O que isso significa? Uma das principais virtudes do estudo de Charles Kahn e de sua edição comentada dos fragmentos reside em ter chamado a atenção para esse ponto de partida fundamental do pensamento de Heráclito. Heráclito não seria tanto um pensador da *Phýsis*, ao menos ao modo como teriam sido os milésios Tales, Anaxímenes e Anaximandro, mas um pensador do homem e de sua condição mortal. A natureza estaria antes nesse âmbito do que em um princípio último de constituição de todos os seres e eventos do mundo.¹⁰ Ao mencionar o fogo como o equivalente a um tal princípio primordial, Heráclito estaria na verdade revisando criticamente as doutrinas dos físicos que o antecederam, e não fazendo-as progredir na mesma direção.¹¹ Por meu lado, lançando mão de uma expressão cara a Hölderlin, como mencionado na introdução deste artigo, postulo que o ponto de partida decisivo do pensamento de Heráclito reside no “afastamento categórico”. Os homens, de início e sempre, se mostram incapazes de compreender o que há de decisivo e fundamental em seu próprio viver. É o que diz outro fragmento: “Sem compreensão: ouvindo, parecem surdos, o dito lhes atesta: presentes estão ausentes”¹². Os homens não compreendem precisamente aquela única coisa que precisavam compreender e que já sempre se deu a

⁹ Frag. 1. Seguiremos aqui a ordenação dos fragmentos de Heráclito estabelecida por Diels/Kranz em sua obra *Die Fragmente der Vorsokratiker*.

¹⁰ Charles Kahn dá razão a Diels (*Herakleitos*, 1ª ed., p.VII), quando este sustenta que em Heráclito “há uma identidade de estrutura entre o mundo pessoal e interior da *psyché* e a ordem natural maior do universo”. Desse modo, Heráclito estaria interessado nas concepções mais gerais da física jônica, sendo o seu verdadeiro ponto de partida a busca de si mesmo. (ibid., p. 50)

¹¹ Cabe pensar que o fogo, que acendendo e apagando o faz sempre segundo a medida (Frag. 30), não equivale sem mais ao ar de Anaxímenes, do qual se pode perfeitamente inferir resultar o ciclo atmosférico de condensação e rarefação.

¹² Frag. 34.

Moraes, Francisco
O horizonte trágico do pensamento de Heráclito

compreender. Ela, que dirige tudo através de tudo¹³. Como é possível que isso aconteça? Como é possível que justamente aquele que pode compreender não compreenda e, ao invés disso, busque um saber multifacetado, um saber oriundo de um acúmulo de experiências diversas: uma “*polymathía*”?¹⁴ É precisamente essa perplexidade que exprime um dos fragmentos de Heráclito, não por acaso tomado por Heidegger¹⁵ como devendo ser considerado em primeiro lugar. Trata-se do fragmento de número 16. O fragmento diz ao modo de uma pergunta: “Como alguém poderia manter-se encoberto face ao que nunca declina?” O fragmento foi citado por Clemente de Alexandria¹⁶ num contexto bem peculiar, que faz a pergunta de Heráclito corroborar a passagem bíblica na qual Isaías proclama em tom de censura: “Ai daqueles que realizam seus intentos às escondidas e dizem: quem há de ver-nos?”¹⁷

Temos assim duas coisas que resultam diretamente dos fragmentos a respeito da condição humana: os homens não compreendem justamente a conjuntura divina de onde precedem suas leis e seus costumes e de onde brotam suas ações e decisões: o *Lógos* ou a unidade dos contrários. Apesar disso, não podem subtrair-se ao vigor daquilo que não chegam a compreender. Eis o horizonte trágico de Heráclito¹⁸. Por isso, Heráclito pode dizer: “Não é melhor para os homens que lhes aconteça tudo que eles querem”¹⁹. Isso não significa, evidentemente, como pretende Clemente de Alexandria, citando o fragmento 16, que haveria uma divindade vigilante e punitiva capaz de descobrir e castigar os transgressores de sua lei, e que melhor seria ser “prudente”. O que Heráclito diz corresponde muito mais ao que não cessam de nos mostrar as tragédias áticas, a saber: que em meio a suas ações, buscando justamente o que lhes parece o melhor e mais desejável, os homens se extraviam para longe do que corresponde à sua morada²⁰. Ora, Heráclito seria tudo menos um pensador se julgasse que os homens são simplesmente estultos e imprudentes por procederem dessa maneira!²¹

¹³ “Um, o saber: compreender que o pensamento, em qualquer tempo, dirige tudo através de tudo.”

¹⁴ Frag. 40. “Muito saber não ensina sabedoria, pois teria ensinado a Hesíodo e Pitágoras, a Xenófanes e Hecateu.”

¹⁵ HEIDEGGER. Heráclito. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003, p. 61.

¹⁶ Pedagogo II, 99.

¹⁷ IS., 29, 15. Cf. COSTA, A. Heráclito: Fragmentos contextualizados. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002, p. 69.

¹⁸ O afastamento categórico implica o que Hölderlin chama de acasalamento de deus e homem. “A apresentação do trágico depende principalmente de que o formidável [*Ungeheure*], como o deus e o homem se acasalam, e como, ilimitadamente, o poder da natureza e o mais íntimo do homem se unificam na ira, seja concebido pelo fato de que a unificação ilimitada se purifica por meio de uma separação ilimitada.” Op. cit., p. 78.

¹⁹ Fragmento 110.

²⁰ Frag. 119. “A morada do homem: o divino”.

²¹ Segundo Charles Kahn, a originalidade de Heráclito consiste em ter buscado fazer a ponte entre a Física milesiana e a tradição de sabedoria popular, presente em ditos como “nada em excesso”. Só que da mesma forma

Moraes, Francisco
O horizonte trágico do pensamento de Heráclito

Perseguindo o que lhes parece justo e evitando ou combatendo o que lhes parece injusto, os homens, na verdade, se afastam da conjuntura discreta reunidora de tudo. Eles se esquecem, justamente, que “sem as injustiças não poderiam recolher o nome da justiça”²² e que “a doença faz da saúde coisa boa e agradável; a fome da saciedade; a fadiga do repouso.”²³ Tudo se passa como se fosse possível apartar o justo do injusto, a saúde da doença, a paz da guerra. É que, conforme nos diz outro fragmento, se “para o deus, tudo é belo, bom e justo, os homens, porém, tomam umas coisas por injustas, outras por justas.”²⁴ Ora, isso não significa simplesmente um erro que fosse possível evitar ou corrigir, mas uma errância constitutiva e necessária! Não se pode dizer que Édipo ou Antígona tenham simplesmente cometido um erro e que seria melhor se eles tivessem sido mais humildes. Agindo e perseverando em suas ações e decisões, os homens, na verdade, se comportam como se tivessem um entendimento próprio e particular, o que os impede de ouvir o *Lógos*²⁵. Eles dormem! Mas, assim procedendo, também preparam uma possibilidade que jamais adviria de outra maneira. Sem errância e ‘dormência’, sem “afastamento categórico”, sem ser homem, não seria possível o saber de que “o raio dirige tudo o que é”²⁶ e de que “a guerra é pai de todas as coisas”²⁷.

Despertando para si mesmo, a partir da errância, o homem descobre então o que constitui o ser de todas as coisas: a natureza. A natureza não está dada para o homem como uma espécie de fundo de reserva disponível. Ela não é uma presença dada e manifesta. A natureza é antes o espaço de jogo em que todas as coisas chegam a ser o que são a partir de si mesmas, inclusive os homens e os deuses. Não há acima da natureza nenhuma instância reguladora. A natureza é que, de modo discreto, mas irresistível, nos chama de volta para o que nos é mais próprio, para o que nos é mais íntimo e essencial. Esse chamar de volta é um aceno velado²⁸. Pressentimos algo desse apelo quando pensamos no passar do tempo e das idades, na mudança das estações e no que elas trazem consigo, na experiência tão poderosa do nascimento, no despontar do ânimo através dos gestos, no pulsar anônimo dos desejos, no irromper de uma doença e na morte. Em tudo isso, fala um poder discreto mas irresistível.

que assimila à sua maneira o conhecimento científico dos milésimos, Heráclito também transforma a sabedoria popular, conferindo a ela um novo significado, talvez afinado com as tragédias sofoclianas.

²² Frag. 23.

²³ Frag. 111.

²⁴ Frag. 102.

²⁵ Frag. 50. “Ouvindo não a mim, mas o Lógos, é sábio concordar: tudo é um”.

²⁶ Frag. 64.

²⁷ Frag. 53. “De todas as coisas a guerra é pai, de todas as coisas é senhor; a uns mostrou deuses, a outros, homens; de uns fez escravos, de outros, livres.” Neste fragmento se pode ler claramente a separação entre deuses e homens característica do “afastamento categórico”.

²⁸ Frag. 123. “Surgimento já tende ao encobrimento.”

Moraes, Francisco
O horizonte trágico do pensamento de Heráclito

Discreto porque chega de repente e sem avisos; irresistível porque se impõe por si mesmo e à nossa total revelia. Mas é bom que seja assim!

Nada é mais eloquente como testemunho desse poder irresistível da Natureza que chega sem avisar do que a morte. A morte é, por isso, o tema preferencial do pensamento de Heráclito. Nesse sentido, o homem partilha com tudo o que vive a condição mortal. Só que neste caso há uma peculiaridade: o homem pode assumir, vivendo, sua condição de mortalidade. O homem pode estar pronto para a morte, pois nela “advém aos homens o que eles não esperam nem imaginam”²⁹. A morte em combate, aquela reverenciada pelos gregos, é também paradigmática para Heráclito³⁰. Portanto, os homens não são apenas dormentes, mas também os que se mantêm acordados. Estes possuiriam um mundo só que é comum, enquanto cada um dos que dormem se voltam para o seu mundo particular³¹. É pela condição de guerreiro, por enfrentar e dispor-se à morte, que os homens podem tomar parte ativa na *Pólis* e assim possuir um mundo comum. Tal atitude é a mais próxima possível da atitude característica do filósofo. Este também exercita a prontidão para o inesperado³², sendo, no entanto, capaz de assim se manter constantemente. Pelo filósofo, e somente por ele, mantém-se viva a lei divina, da qual derivam todas as outras. Por isso, Heráclito pode dizer que “pensar é a maior coragem”³³, sem pretender com isso contestar o costume vigente segundo o qual “Uma coisa acima de todas preferem os melhores: a glória sempre brilhante dos mortais; a multidão está saturada como o gado.”³⁴

Heráclito não sustenta nenhum indiferentismo diante da realidade em devir. Trata-se antes de um poder agir em consonância com essa realidade, sem acalentar ilusões injustificadas. A sabedoria de Heráclito é uma sabedoria trágica, como mostrou Nietzsche, e não um conformismo diante do sem sentido da vida. Se não é o caso de estabelecer uma postura adequada ao homem a partir do conhecimento da essência da realidade apresentado de maneira clara e distinta, de modo a subordinar a vida humana como um todo às possibilidades abertas pelo conhecimento, do que se trata então? Trata-se tão somente de fazer aparecer a própria totalidade e isso de modo a que seja ela que possibilite a descoberta. É preciso dispor-

²⁹ Frag. 27.

³⁰ Frag. 24. “Os mortos de Ares honram os deuses e os homens”.

³¹ Frag. 89.

³² Frag. 18. “Se não se espera, não se encontra o inesperado, sendo sem caminhos de encontro nem vias de acesso.”

³³ Frag. 112. “Pensar é a maior coragem, e a sabedoria, acolher a verdade e fazer com que se ausculte ao longo do vigor.”

³⁴ Frag. 29.

Moraes, Francisco
O horizonte trágico do pensamento de Heráclito

se em situação para poder de fato compreender. O discurso de Heráclito é resolutamente oracular não por algum gosto por obscuridades, como já foi acusado na Antiguidade quando ainda se tinha acesso à íntegra de seu “livro” (Cf. Teofrasto e Cícero), mas antes por amor à clareza súbita.

A sabedoria de Heráclito não equivale, por um lado, a um entendimento (teórico) da lei universal do mundo e tampouco se destina a uma possibilidade de esclarecimento dos homens em geral. A possibilidade de compreensão deve corresponder à conquista de uma disponibilidade para com o *Lógos*, que consiste na disposição de sustentar corajosamente a identidade dos contrários, liberando assim uma fala e um olhar extraordinários, isto é, divinos. Essa disposição seria dada a todos os homens³⁵. Porque não se mostram capazes de algo assim, a maioria vive como se tivesse um entendimento próprio e particular, na dormência de uma apatia úmida³⁶, espantando-se com o *Lógos* em tudo³⁷.

O fragmento 18 nos dá acesso àquela postura eminentemente filosófica. O fragmento diz: “Se não se espera não se encontra o inesperado, sendo sem caminhos de encontro nem vias de acesso.” Apoiando-nos no que dissemos acima, e ousando um primeiro acesso ao dito do fragmento, podemos dizer que a existência humana acontece, em linhas gerais, a partir da diferença entre previsibilidade e imprevisibilidade. Estamos sempre procurando estabelecer condições de previsibilidade de modo a tornar seguro, tanto quanto possível, nosso viver. O homem da técnica leva até o extremo essa pretensão à medida que busca confiar em procedimentos estabelecidos antecipadamente e passíveis de serem repetidos e aperfeiçoados. Estamos sempre dispostos a conceder muito valor ao controle dos riscos em toda e qualquer empresa. Desde essa perspectiva onde predomina o controle e o asseguramento, busca-se ao máximo expurgar da vida sua imprevisibilidade constitutiva. Tudo o que acontece de modo diferente daquele que foi previsto tende a ser experimentado como um completo descalabro. Mesmo o risco que decidimos correr deve ser sempre um risco calculado, quer dizer, um risco mínimo. Acreditamos cegamente que o sucesso seja um bem e que o fracasso seja um mal. Por outro lado, se nos privássemos de todo planejamento e de toda tentativa de antecipar nossas ações e iniciativas, entregando tudo ao acaso das circunstâncias, certamente facilitaríamos as coisas para nós pelo fato de nos pouparmos da angústia em relação ao futuro e à sua indeterminação. É que renunciando ao poder de planejamento não teríamos como

³⁵ Frag. 116.

³⁶ Frag. 117.

³⁷ Frag. 72.

Moraes, Francisco
O horizonte trágico do pensamento de Heráclito

reconhecer o imprevisível enquanto imprevisível. Tudo seria imprevisível e nada o seria propriamente. Se quisermos encontrar o imprevisível temos, portanto, que prever e antecipar, ou seja, ser o que somos. Tanto na tentativa de controlar e limitar ao máximo a imprevisibilidade quanto no suposto abandono a ela, não acontece o encontro com o imprevisível. Se tudo for planejamento e se tudo for improvisado nada propriamente acontece. É que tudo acaba se desfazendo seja na monotonia da previsibilidade seja na puerilidade do novo que ninguém fez questão. Para acontecer ele mesmo, o real necessita permanecer imprevisível na própria previsibilidade.

Conclusão

Heráclito apresenta uma reflexão sobre o homem que não pode ser compreendida em termos de humanismo. O homem em Heráclito só se deixa compreender a partir da referência ao *Lógos*. Este último, por sua vez, não é razão, como posteriormente será traduzido, mas princípio e estrutura do mundo, a experiência fundamental do um-tudo ou tudo-um. Que o homem não possa instalar-se na referência a esse *Lógos* é motivo da maior perplexidade. Todavia, exatamente por não compreenderem essa conjuntura reunidora das diferenças e por se deixarem ficar em meio ao conforto de distinções isoladoras, é que os homens são o que são. Nessa apatia não cabe enxergar apenas uma incapacidade por parte do homem. A existência humana que se realiza em meio a distinções e dicotomias favorece o que menos se poderia esperar dela: a experiência insólita da identidade dos contrários. Para ser o lugar dessa experiência o homem não precisa deixar de ser homem, assumindo uma postura pretensamente sobre-humana de indiferença. Não precisamos deixar de julgar males a doença e o sofrimento dela decorrente para apreciarmos a grandeza de uma alma que a ela resiste bravamente. Não precisamos deixar de sofrer o incômodo de nossa ignorância para melhor assumir a sua legitimidade. Não precisamos negar a nossa finitude para suportarmos, sem inveja, a superioridade dos deuses. Basta que no fracasso de nossas expectativas de controle e segurança saibamos dar passagem ao olhar extraordinário da identidade dos contrários: a morada do homem.

Moraes, Francisco
O horizonte trágico do pensamento de Heráclito

Bibliografia:

BEAUFRET, Jean. *Hölderlin e Sófocles*. Trad. Anna Luiza Andrade Coli e Máira Nassif Passos; HÖLDERLIN. *Observações sobre Édipo e Observações sobre Antígona*. Trad. Pedro Süssekind e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

COLI, Giorgio. *A sabedoria grega (III). Heráclito*. Trad. Renato Ambrosio. São Paulo: Paulus, 2013.

COSTA, Alexandre. *Heráclito: Fragmentos contextualizados*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

HEIDEGGER, M. *Heráclito*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

KAHN, Charles H. *Arte e pensamento em Heráclito: Uma edição dos fragmentos com tradução e comentário*. Trad. Élcio de Gusmão Verçosa Filho. São Paulo: Paulus, 2009.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Os pensadores originários*. Bragança Paulista, SP: Ed. Universitária São Francisco, 2005.

NIETZSCHE, F. *Segunda Consideração Intempestiva. Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: relume Dumará, 2003.

_____. *A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*. Trad. Maria Inês Madeira de Andrade. Lisboa: Edições 70, 2009.